

RESUMO/ ABSTRACT

OS ESTUDOS LITERÁRIOS AFRICANOS NO BRASIL: PERCURSOS E DESAFIOS

O artigo, a partir da própria experiência de quem o assina, busca traçar um percurso dos estudos literários africanos no Brasil, no âmbito universitário, pensando-os desde a criação dos cursos de letras, na década de 30 do século 20. Para tanto, divide-se em duas partes: uma, relativa ao ensino, e a outra à pesquisa da qual emerge um pensamento crítico sobre as literaturas africanas expressas em língua portuguesa. O objetivo das reflexões propostas é contribuir para a redimensão da cultura africana na formação identitária nacional, procurando-se, pelo gesto inclusivo, elidir o silenciamento sócio-histórico e a rasura da diferença, ambos impostos pela hegemonia de uma neocolonialidade branco-ocidental mascarada sobre vários disfarces na cena cultural brasileira.

Palavras-chave: estudos literários africanos; literaturas africanas; cursos de letras; ensino; pesquisa; pensamento crítico.

THE AFRICAN LITERARY STUDIES IN BRAZIL: PATHWAYS AND CHALLENGES

This article, from the proper experience of who signs it, searches to trace a passage of the African literary studies in Brazil, in the university scope, thinking them since the creation of the courses of letters, in the decade of 30 of century 20. For in such a way, it is divided in two parts: one, relative one to education, and another one to the research of which a critical thought emerges on express African literatures in Portuguese language. The objective of the reflections proposals is to contribute for the redimension of the African culture in the national identity formation, searching, by the inclusive gesture, to eliminate the social-historical silencing and the erasure of the difference, both imposed by the hegemony of a white-occidental neocoloniality masked on some disguises in the Brazilian cultural scene.

Keywords: African literary studies; African literatures; courses of letters; education; research; critical thought.

OS ESTUDOS LITERÁRIOS AFRICANOS NO BRASIL: PERCURSOS E DESAFIOS

Laura Cavalcante Padilha

Professora Doutora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
Universidade Federal Fluminense-UFF, Niterói-RJ
lcpadi2@terra.com.br

Ao abrir o primeiro capítulo de *A memória coletiva*, afirma Maurice Halbwachs:

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso (2006, p. 29).

O que aqui será exposto se faz – ou se quer fazer – um testemunho de minha própria vivência profissional na área das literaturas africanas em língua portuguesa, denominação esta, aliás, cuja pertinência venho discutindo desde algum tempo em artigos, ensaios e/ou intervenções em eventos de várias ordens. A base de minhas reflexões será, portanto, o meu próprio percurso no campo do ensino e da pesquisa de/em tais literaturas, daí o fato de optar pela primeira pessoa como base enunciativa. Isso não significará, porém, que me vá fixar apenas em minha trajetória individual, pois seria impensável deixar de lado as ações coletivas que possibilitaram o desenvolvimento desses estudos no Brasil, aliás, o que representou um evento muito significativo tanto do ponto de vista acadêmico-científico, quanto do sociocultural como um todo. É evidente que disponho apenas de “algumas informações” sobre tal evento, “embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras”, para valer-me das palavras de Halbwachs.

De outra parte, quero deixar claro que, há vinte anos atrás, escrevi e publiquei o artigo “Ambíguo vazio” (1990, p. 47-57) sobre a questão a ser aqui desenvolvida, questão esta que se tornou recorrente em todos os sentidos para mim, daí o tê-la retomado diversas vezes, sob outras óticas e buscando diferentes desdobramentos. É o que faço agora, resgatando, para começar, a epígrafe tomada de empréstimo a Roland Barthes com a qual abria o texto acima referido: “Se as grandes estruturas da alienação econômica foram mais ou menos desvendadas, as estruturas da alienação do saber não o foram” (1998, p. 58). Em minha percepção, o “caso” das africanas, nos cursos de letras no país, com seu forte silenciamento e elisão, está ligado diretamente a essas “estruturas da alienação do saber”. Felizmente, ainda a pensar com Barthes, pois o título de sua obra – *O rumor da língua* – cai como uma luva sobre nosso trabalho e as voltas por ele dadas, creio termos conseguido transformar o que era rumor em alegre estridência nas instituições oficiais de ensino e de fomento à pesquisa a que estamos de algum modo vinculados. Assim sendo, por acreditar na força dessa transformação, quero tecer algumas reflexões sobre o ensino e suas formas de resistência e os caminhos da pesquisa e da produção científica na área.

1. O ensino e suas formas de resistência

Resistir é opor a força própria à força alheia.
O cognato próximo é *in/sistir*; o antônimo familiar é *de/sistir*.
Alfredo Bosi

A década de 1930, no Brasil, é muito importante no que se refere ao aprofundamento do processo de autognose do país iniciado pela geração modernista nos anos 20. Ao abrir *Raízes do Brasil*, em 1967, Antonio Candido avalia a importância da referida década, apontando três livros que, em sua percepção, colaboraram diretamente para o processo de repensagem do Brasil. São eles, respectivamente, nos anos 30: *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre (1933); e o já citado *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936). No início da década seguinte, edita-se *Formação do Brasil*, de Caio Prado Júnior (1942). Para o crítico, tais obras representaram uma abertura para o conhecimento de alguns jovens intelectuais de então, pelo fato de refletirem sobre “a denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos ‘patriarcais’ e agrários, o discernimento das condições econômicas, a desmistificação da retórica liberal” (1995, p. 11). A abertura referida por Candido, em certo sentido e por sua insistência, acaba por fazer-se uma forma de resistência contra a

situação em que acomodadamente o país se encontrava, aqui retomando o jogo proposto pela epígrafe de Bosi (2002, p. 118).

É importante lembrar que nossos cursos de letras se criam nessa mesma década de 1930, talvez até como uma resultante do aprofundamento do olhar sobre a realidade social brasileira e seus pontos de fricção. No entanto, a estruturação acadêmico-disciplinar daqueles cursos então proposta levava em conta apenas as matrizes europeias formadoras dos vetores altos do saber humanístico e da própria cultura nacional. Em contrapartida, nos anos de 1950, ainda pensando com Candido, já agora no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, inserido em *A educação pela noite* (1987), processa-se a consciência de nosso atraso, o que propicia, segundo ele, uma “mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante” (p. 142).

Como me propus a dar um testemunho de minha vivência, chamo a atenção para o fato de que tais ares de mudança se fizeram muito significativos no processo de minha formação acadêmica, na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, entre os anos de 1956 e 1959, como atesta, por exemplo, o *corpus* literário sobre o qual trabalhávamos como estudantes de Letras Neolatinas. Líamos Malraux, Sartre, Lorca, Pirandello, Graciliano, Drummond, Redol, entre outros, e mesmo uma obra de Castro Soromenho, a nós apresentado como um escritor de Angola, na disciplina Literatura Portuguesa. Tal obra, como é previsível, era *Terra morta*, publicada, em 1949, pela Casa do Estudante do Brasil.

Soromenho, assim como Casais Monteiro, Jorge de Sena e tantos outros intelectuais portugueses, fora banido de Portugal, exilando-se no Brasil onde vive até sua morte, em 1968. Ele, como outros desterrados, se torna colaborador de um importante jornal, ou seja, *Portugal Democrático*, editado em São Paulo entre 1956 e 1977 e que se opunha ferozmente ao fascismo salazarista. Por esse veículo de comunicação chegavam-nos notícias, dentre outras, dos movimentos africanos contra o colonialismo português, de seus líderes, e sua ligação com Cuba. Dentre eles, um nome se destacava, o de Amílcar Cabral. Igualmente nos empolgava o fato de existir um partido denominado Movimento Popular de Libertação de Angola, criado em 1956. Miguel Urbano Rodrigues assim analisa a cumplicidade de *Portugal Democrático* com o que se passava em África e sua adesão ao processo de descolonização africana, dizendo, em ensaio sobre o jornal, que ele,

que sempre assumira uma posição de combate frontal ao colonialismo, expressou a sua solidariedade incondicional aos patriotas do MPLA que se batiam pela independência da sua pátria. O relato e a denúncia dos crimes da guerra colonial passaram a ocupar grande parte de suas edições (2003, p. 184).

Toda uma geração de universitários de letras, portanto, se formou ouvindo rumores sobre lugares africanos de nós tão distantes, mas onde se falava a nossa língua e de onde vieram homens e mulheres que sagraram as cores dos corpos de muitos de nós. No entanto, não era chegada a hora da inclusão da África nos diversos níveis do ensino de nosso país. A reversão desse quadro começa a se dar na década de 1970, quando os estudos literários africanos ganham um lugar na cena acadêmica e certa visibilidade no espaço universitário brasileiro, graças à ação de um grupo de docentes da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, dentre os quais se podem citar Fernando Mourão e Maria Aparecida Santilli. À sua contribuição, voltarei adiante.

Ainda em 1970 se publica *A chaga*, de Soromenho, pela Civilização Brasileira, fechando-se, assim, a trilogia que começara com *Terra morta*, passando por *Viragem*, esta editada pela Ulisseia, em Lisboa, em 1957. A viagem pela Lunda se encerra com este último romance que se fez, em parte ou no todo, uma obra utilizada por vários de nós que já estávamos no mercado profissional. Uma outra que circulou então e nos auxiliou no trabalho docente, cuja finalidade talvez maior fosse a de desamarar o barco das africanas do cais da portuguesa, teve a chancela de Jorge Amado. Trata-se de *Poemas de Angola*, de Agostinho Neto, coletânea publicada pela Codecri e com prefácio do romancista brasileiro que, dentre outras coisas, afirma: “Devemos aos angolanos parte de nossa originalidade de nação e é chegado o tempo de pagar um pouco dessa imensa dívida, apoiando sua independência, seu governo legítimo presidido pelo poeta Agostinho Neto” (1976, p. 9).

Nos anos de 1980 e 1990, pontualmente em algumas instituições brasileiras de ensino, as africanas ganham espaço mais consolidado, soltando-se da portuguesa e recebendo mesmo a chancela de disciplina obrigatória em cursos de Português/Literaturas, como se dá, por exemplo, nos das universidades Federal Fluminense e Federal do Rio de Janeiro. Passou a ter uma carga horária, se não ideal, pelo menos exequível. Convém ainda não esquecer o papel exercido por alguns programas de pós-graduação que, a partir da segunda metade dos anos de 1980, principalmente, vêm formando uma expressiva massa crítica de docentes-pesquisadores no Brasil. A via aberta pelos estudos comparados terá sido, talvez, a responsável para que tais literaturas encontrassem modos de consolidação. Os doutores formados em tais cursos tornaram-se agentes multiplicadores da maior importância para a alavancagem do ensino das africanas entre nós.

Já agora, nos anos 2000, há uma crescente multiplicação da oferta de cursos da disciplina na graduação, o que se pode ler como uma consequência da promulgação, em 2003, da Lei Ordinária 10639, pela qual se tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos níveis fundamental e médio. Em 2008, a Lei 11645 incluiu também História e Cultura Indígenas. Preenchem-se, com tal procedimento legislativo, os espaços em branco que marcaram a concepção e a gestão do sistema

escolar brasileiro como um todo. Com isso, há uma mobilização para que, no caso que aqui nos interessa mais de perto, os cursos nos quais atuamos abram sem medo suas portas para abrigar a diversidade cultural brasileira e as várias matrizes pelas quais tal diversidade se projeta na história da formação do nosso povo. A resistência, que ganhou vulto com a insistência de tantos, depois de séculos, parece ter, afinal, valido a pena, embora muitos ainda apostem em nossa desistência futura. Isto posto, proponho, já agora, uma breve análise de como se percorreram os caminhos da pesquisa e da produção científica na área.

2. Os caminhos da pesquisa e da produção científica na área

Ao apresentar o quadro do ensino das literaturas africanas no país, de certo modo acabei por tangenciar o que se deu no campo da pesquisa e da consequente produção científica que daí surge. Assim, não me vou ater a cronologias, mas dar uma breve visão desse percurso.

Como atrás afirmei, os cursos de pós-graduação tiveram um papel fundamental na criação de uma nova geração de pesquisadores empenhados em difundir e sedimentar o conhecimento sobre aquelas literaturas no país. Em princípio, ao escolhermos a área, não dispúnhamos nem de um forte suporte bibliográfico de ordem literária, nem de um instrumental teórico-crítico que nos permitisse atuar com maior rigor científico. A partir do fim da década de 1970, começaram a surgir alguns trabalhos, como, para ficar só com um exemplo, a dissertação de mestrado intitulada *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe*, de autoria de Simone Caputo Gomes, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a orientação de Vilma Sant'Anna Arêas, e que toma a forma de livro em 1993. Torna-se muito importante, para o pesquisador de nossos dias, não apenas o conteúdo científico da obra, pioneiro em todos os sentidos, mas o suporte bibliográfico em que o trabalho se sustentava. Ali estão elencadas obras de ou sobre as literaturas africanas que chegavam às nossas mãos nos anos 1970. Evidencia-se, pelas referências, como o investigador brasileiro era tributário de um instrumental científico que a ele chegava de Portugal, com poucas exceções. No Brasil, dispúnhamos, infelizmente, de alguns raros títulos publicados, não apenas sobre a literatura, mas sobre a história, a sociologia etc. africanas. Remeto à leitura da obra de Caputo Gomes para aqueles que queiram conhecer melhor a questão.

No fim dos anos 1970 e na década seguinte, graças à atuação de docentes-pesquisadores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, atrás citada, o quadro de nossa “pobreza” bibliográfica começa a se reverter com a publicação de ensaios fundamentais para um grupo que, fora de São Paulo, já iniciara sua carreira de pesquisador. Cito um elenco de obras então produzidas naquela instituição de ensino: *A sociedade angolana através da literatura*, de Fer-

nando de Albuquerque Mourão (1978); *Estórias africanas: histórias e antologia e Africanidade*, ambas de autoria de Maria Aparecida Santilli, em 1985, e *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*, de Benjamin Abdala Júnior (1989). Todas essas obras foram editadas pela Ática, que também publica *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, de Manuel Ferreira, em 1987, além da importante série Autores Africanos, que se tornou uma coleção imprescindível para o pesquisador brasileiro.

De forma deliberada, decidi, até aqui, citar textualmente autores e obras que sustentaram o nosso trabalho investigativo inicial, como um modo não apenas de resgatá-los, mas de fazer-lhes uma homenagem sincera por tudo que realizaram pela área. A partir dos seus, outros trabalhos proliferaram, assim como as publicações deles surgidas. Seria impensável listá-los todos, sobretudo porque precisaria dispor de dados mais seguros sobre dissertações e teses produzidas, além da edição em forma de livro, capítulos de livro, artigos e ensaios delas resultantes, o que não caberia no âmbito desta exposição ou no espaço-tempo de que aqui disponho.

Quanto ao referencial teórico-metodológico, só posso voltar a fazer um testemunho pessoal, pois são muitas as linhas de pesquisa adotadas pelos profissionais que atuam na área, em diversas instituições de ensino. Meu edifício crítico, no caso, foi diretamente tributário, além do já exposto sobre o que foi defendido entre nós: **(a)** das obras de Frantz Fanon e Albert Memmi, que me ajudaram a entender melhor a questão colonial e sua extrema violência; **(b)** na área específica das africanas, dos textos seminais de Alfredo Margarido; Carlos Ervedosa; Manuel Ferreira e Russell Hamilton, dentre outros, e **(c)** dos ensaios de dois críticos brasileiros – Antonio Candido e Silviano Santiago –, cujas reflexões sobre literatura e subdesenvolvimento, dependência cultural, formas de desconstrução e a questão da tradição muito me ajudaram a compreender o sentido da diferença que nos textos literários africanos de modo geral se projetava. Neles se encena, como se sabe, o enfrentamento do próprio e do alheio, do uno e do diverso, tanto estética quanto ideologicamente, abrindo-se, assim, pelo imaginário, um espaço mesclado ou um entre-lugar onde a diferença e o mesmo se encontravam, aqui seguindo de perto Santiago e o seu clássico ensaio o “Entrelugar do discurso latino-americano”, publicado em 1978, em *Uma literatura nos trópicos*. Do mesmo modo, a obra de Candido, em especial a recolha *A educação pela noite e outros ensaios* (1987), revelou-se muito produtiva e organizadora de meu pensamento crítico, em todos os níveis.

Na década de 1980, começam a aportar, no país, textos produzidos por africanos, em diversas línguas, alguns já traduzidos, como *Introdução à cultura africana* (1980), no qual se encontram ensaios de Honorat Aguessy, Ola Balogun, Alpha Sow etc., para além de diversos outros não traduzidos, como

os de Mohamadou Kane, Lilian Kesteloot, Alassane Ndaw, Bernard Mouralis e tantos mais que chegaram já nos anos de 1990 e 2000. Todos os ecos dessas vozes contribuíram para que nossas próprias reflexões nacionais se fizessem ouvir. Hoje, podemos considerar que há um aparato crítico brasileiro construído e disseminado em várias e diversas direções, pelo qual nosso pensamento sobre as africanas se estatui. Nas referências bibliográficas deste artigo, além do que se citou no corpo do texto, elencam-se diversos livros individuais e alguns de caráter coletivo, publicados no Brasil, deixando de parte capítulos, artigos em periódicos etc., pois há aqui um limite a ser obedecido. Em virtude ainda dessa limitação, de cada autor, serão listadas duas obras individuais e/ou por ele organizadas. Sei que certamente haverá aqui lacunas e esquecimentos, mas espero que, um dia, tudo se possa resgatar.

Nessa espécie de balanço, não há como não apontar o fato de que hoje o pensamento crítico brasileiro é tributário, quase sempre, de um lado, dos pressupostos da literatura comparada e, de outro, dos estudos culturais em convergência com os literários. Esta convergência, segundo Noé Jitrik (2000), cria uma ponte, no espaço da crítica, o que, por sua vez, significa um gesto desocultador, por excelência. Pensando essas formas de desocultamento, a nova crítica literária sobre as africanas se quer projetar como um gesto de enfrentamento e desobediência. Busca, com isso, romper o silêncio do cânone, descentrando, em certa medida, os rígidos e ainda em parte hegemônicos modelos ocidentais, pela discussão de outras matrizes e suas implicações simbólicas.

Para brevemente concluir, devo dizer que, se a neocolonialidade insiste em não ceder seu espaço, nós, os que a ela nos opomos, insistimos também em enfrentá-la, pondo em circulação novas vozes, que assim se deixam ouvir; diferentes matrizes culturais, que afinal afloram; outros modos de olhar, que ganham espaço. Enfim, objetivamos, com nossos estudos, contribuir para que o múltiplo cultural que somos tome seu lugar. Pelo agenciamento, pois, desse múltiplo, as faces poliédricas do mosaico cultural brasileiro se permitem reconhecer, ao se projetarem no espelho de nossa própria formação histórica, sem admitir ou referendar velhas e já ultrapassadas formas de hierarquização.

Referências bibliográficas

ABDALA JR., Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

AGUESSY, Honorat. “Visões e percepções tradicionais”. In: SOW, Alpha *et al.* *Introdução à cultura africana*. Trad. de Emanuel L. Godinho *et al.* Lisboa: Edições 70, 1980. p. 95-136.

- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escomburo: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. *Estórias de Angola: fios de aprendizagem em malhas de ficção*. Niterói: EdUFF, 2002.
- _____; SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços* (org.). Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 9-21.
- CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, nº 1, 1999.
- _____. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- _____; MACÊDO, Tania (org.). *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (org.). *A kindia e a missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda (Angola): Nzila, 2007.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1979.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. 2ª ed. Trad. de Alexandre Pomar. Porto: Paisagem, 1975.
- _____. *Os condenados da terra*. 2ª ed. Trad. de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *O discurso no percurso africano 1*. Lisboa: Plátano, 1989.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

- _____; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GOMES, Simone Caputo. *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- JITRIK, Noé. “Estudios culturales/estudios literários”. In: PEREIRA, Maria A.; REIS, Eliana L. de (org). *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: Faculdade da UFMG, 2000. p. 29-41.
- KANE, Mohamadou K. *Roman africain et traditions*. Edité avec le concours de la Fondation L. S. Senghor. Dakar: Les Nouvelles Éditions Africaines, 1982.
- KESTELOOT, Lilyan. *Les écrivains noirs de langue française: naissance d'une littérature*. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 1983.
- MACÊDO, Tania. *Angola e Brasil: estudos comparados*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- _____. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora UNESP; Luanda (Angola): Nzila, 2008.
- MADRUGA, Elisalva. *Nas trilhas da descoberta: a repercussão do modernismo brasileiro na Literatura Angolana*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.
- MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 2ª ed. Trad. de Roland Corbisier e Mariza P. Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MOREIRA, Terezinha Tabora. *O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana*. Belo Horizonte: Editora da PUC-Minas; Belo Horizonte: Edições Horta Grande, 2003.
- MOURALIS, Bernard. *Littérature et développement: essai sur le statut, la fonction et la représentation de la pensée négro-africaine*. Préface de Léopold Sédar Senghor. Dakar: Les Nouvelles Éditions Africaines, 1983.
- MOURÃO, Fernando de Albuquerque. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.
- NDAW, Alassane. *La pensée africaine: recherches sur les fondements de la pensée négro-africaine*. Préface de Léopold Sédar Senghor. Dakar: Les Nouvelles Éditions Africaines, 1983.

- NETO, Agostinho. *Poemas de Angola*. Apresentação de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Codecri, 1975.
- PADILHA, Laura Cavalcante. “Ambíguo vazio: o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”. *Letras na Universidade. Caderno de Letras*, Niterói, nº 1, p. 46-56, 1990.
- _____. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2ª ed. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.
- _____. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002.
- RODRIGUES, Miguel Urbano. “Portugal Democrático: um jornal revolucionário”. In: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira. *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo: Editora da UNESP; Bauru: EDUSC, 2003. p. 183-6.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. *Estórias africanas: histórias e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SECCO, Carmem Lúcia Tindó. *A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos*. Rio de Janeiro: ABE Graph/Barroso Produções Editoriais, 2003.
- _____; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (org.). *África & Brasil: letras em laços*. v. 2. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.
- SOROMENHO, Fernando M. de Castro. *Terra morta*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1949.
- _____. *Viragem*. Lisboa: Ulisseia, 1957.
- _____. *A chaga*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

Recebido em 22 de setembro de 2010

Aprovado em 15 de outubro de 2010